

ARTÍCULOS
CIEN TÍFICOS

CONDENADOS A DESEAR

CONDENADO AO DESEJO

CONDEMNED TO DESIRE

Adriana Cabuli
Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados
ORCID: 0009-0006-5773-0962
Correo electrónico: adrianacabuli@hotmail.com

Fecha de recepción: 08-03-2025
Fecha de aceptación: 08-04-2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Cabuli A. (2025) CONDENADOS A DESEAR
Intercambio Psicoanalítico 16 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/16.1.3
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

Adriana Cabuli¹

1 Graduada em Psicologia. Membro titular da Associação Argentina de Escolas de Pós-Graduação em Psicoterapia (AEAPG). Professor titular da AEAPG. Diretora editorial da revista Psicoanálisis. Ayer y hoy Secretária do Centro de Pesquisa e Orientação Comunitária “ Dr. Arnaldo Rascovsky” Membro da comissão organizadora da série El Malestar en la Cultura desde 2021.

Nós nascemos indefesos

Nascer prematuramente torna os seres humanos fracos desde o início e para sempre. Isso cria uma armadilha, mas também uma possibilidade. O outro é necessário para abrigo. Mais um que a cada momento histórico será atravessado por uma fantasia diferente. Neste encontro entre a criança e o pai adotivo, Freud localiza “a fonte primordial de todos os motivos morais”.

Desde o início, carregamos a energia pulsional que se resolve num conflito entre Eros e Thanatos, inerente ao desejo, que surge primariamente. Eros é o desejo de presença, movimento, prazer, tende a conectar, a representar, seu objetivo é unificar. Thanatos tende a rejeitar, num movimento de desinvestimento, aqueles objetos que promovem desejos. A tendência ao prazer busca manter um equilíbrio e uma tensão toleráveis.

Os humanos desenvolvem a capacidade de representar, pensar, imaginar, fantasiar e criar tudo o que torna possível a conexão com a energia com a qual nascemos. É uma exigência de trabalho da psique - segundo Freud - que torna possível sair do primeiro estado. Trata-se de fazer algo com o que nos é dado: a vida.

A realidade que nos é apresentada, muitas vezes excessiva, agrava o desamparo. Ao longo da história, assumiu diferentes formas. Hoje, mais do que nunca, devido ao fenômeno da globalização, o sujeito cultural está sob a influência de poderes que regem o planeta sob diferentes perspectivas: política, econômica, financeira e tecnológica. Toda a humanidade sofre efeitos semelhantes, tendo perdido o que tornava as pessoas diferentes: os costumes, as tradições e os valores que lhes serviam de sustentação.

Que lugar há então para a psicanálise?

Em princípio, o psicanalista não deve abrir mão de sua própria prática.

A psicanálise começou com a clínica desde o início. Mais tarde, uma teoria sobre a psique foi construída. Se a psicanálise perdura, é por causa da prática e não da teoria. Os teóricos só podem transmitir seu conhecimento se tiverem trabalhado com seu próprio inconsciente, daí sua convicção. A prática reafirma conceitos fundamentais e gera novas teorias. Sem ela, a psicanálise seria letra morta, apenas mais uma teoria.” O potencial do discurso psicanalítico está na sua prática clínica, na sua prática de leitura e de pensamento”, propõe Lidia Ferrari (2024), psicanalista argentina radicada na Itália.

Julia Kristeva (2011) afirma que a noção de texto não vai além da expressão da experiência, e que para produzir um texto é preciso questionar o modo de sentir, a sexualidade e a linguagem.

Nossa disciplina difere do pensamento filosófico, pois a questão do ser não inclui a análise do inconsciente. De certa forma, nós, analistas, dialogamos com alguns pensadores contemporâneos que citam a psicanálise como parte de suas teorizações. Franco Berardi, Eric Sadin, Byung-Chul Han, entre outros.

Penso em um psicanalista comprometido e em sintonia com o momento que atravessa, oscilando entre a realidade, por mais terrível que seja, e o desejo vital de quem consulta, sem descuidar da força do desejo que move seu trabalho.

Quando alguém procura um analista, além de precisar trabalhar sua genealogia a partir dos sintomas que apresenta, ele questiona seu contexto, considerando que a subjetividade está enraizada em seu cotidiano.

Este momento parece estar em crise em relação ao que vivenciamos até há relativamente pouco tempo. Embora a pandemia da Covid-19 possa ter causado uma perturbação cujas consequências ainda não podem ser avaliadas, a mudança de era já estava a fermentar; Alguns pensadores situam isso no século XX, por volta da década de 1970, há vários anos.

Numa época em que frases curtas e slogans prevalecem por pouco tempo até que os próximos apareçam, a psicanálise implica a arte e o compromisso da palavra duradoura, mesmo que ela não fixe nada, apenas o sentido que cada um lhe dá, até que a redefinição produza um novo.

Vivemos em um mundo em que as imagens nos assediaram continuamente e os estímulos externos predominaram. Franco Berardi (2020) argumenta que estamos em tempos de mutação antropológica e propõe que o digital, diferentemente do analógico, nos faz perder a possibilidade de sensibilidade. Sensibilidade, que é descrita como a faculdade que permite interpretar sinais que não podem ser definidos com precisão em termos verbais, já que os algoritmos que acompanham nossa vida cotidiana nos privam do tempo necessário para a reflexão, o questionamento e o discurso sem pressa. No livro Fenomenologia da Fin afirmou que a maneira como percebemos nosso ambiente está sendo revertida. Nossa empatia com os outros também é afetada. Ele se pergunta se os humanos estão perdendo essa capacidade à medida que sua comunicação envolve cada vez menos a conjunção de corpos e mais a conexão de máquinas. Desde a modernidade tardia, o universo da transmissão tem acelerado no ritmo das máquinas. Enquanto a mente humana parece se adaptar à multitarefa moderna, novas formas de sofrimento estão ocorrendo: ansiedade, exaustão mental e depressão. A crescente demanda por cuidados leva a um cerco permanente e a um estado de alerta. Não há tempo para atenção consciente; as decisões devem ser tomadas em velocidade cada vez maior, e essas decisões não são regidas por estratégias de longo prazo.

Em consonância com isso, a partir da psicanálise, Piera Aulagnier (2016) descreveu o estado de alienação.

Ela argumenta que no estado de alienação, a atividade de pensar leva, entre outras coisas, à abolição de todas as situações de conflito, invalidando também a causa de todo sofrimento, situação desejada por todo sujeito, mas que em um caso extremo levaria à morte efetiva do pensamento, e por isso mesmo.

Ele nos diz:

O sujeito pode se encontrar escravizado em um sistema social e em um sistema de poder que o impede de pensar livremente (ou simplesmente pensar) sobre esse sistema, a relação com o poder que o sistema lhe impõe, a posição e as referências identitárias às quais ele o submete.

O sujeito pode oscilar em direção à alienação por razões subjetivas: neste caso, ele pode alinhar seu pensamento tanto com uma ideologia dominante, quanto com a ideologia de uma seita, um grupo ou um microgrupo .

Teorizadas por Aulagnier antes do atual avanço tecnológico, essas ideias são completamente relevantes se considerarmos o efeito das mídias sociais, que geram uma subjetividade tendenciosa que só vê um fragmento da realidade. Os algoritmos que geram links sempre presentes na tela obviamente não são seres independentes, mas foram concebidos por certos grupos de poder dominantes, principalmente para fins econômicos. Segundo Eric Sadin (2024), o problema atual não é apenas que somos espionados e transformados em consumidores de todo tipo de oferta, mas que o que eles estão tentando atacar é o pensamento crítico. Por isso, muitos países são governados por poderes que atacam os próprios indivíduos pelos quais foram eleitos, com seu consentimento surpreendente.

Há uma frase da moda que se tornou popular em Buenos Aires nos últimos dois anos: **Finja a demência**. É usada com certa elegância, refletindo um paradoxo, já que os loucos não fingem, mas criam sua própria realidade. Parece que a frase apela ao mecanismo de negação que se baseia na divisão do eu como um processo defensivo. “Eu sei que essa coisa ruim acontece, mas não acho que esteja acontecendo.” Esta frase é usada conscientemente, como se pudéssemos decidir sem a presença do inconsciente, quando o pensamento parece desvalorizado e sujeito a poderes que excedem a possibilidade de reflexão . Alienado? Qual é o lugar para a pergunta? que lugar, para a imaginação? Quando a informação é ensurdecidora, que espaço há para invenções singulares? A psicanálise, a poesia e a arte se apresentam como um refúgio contra a confusão. Práticas periféricas que atuam como resistência. Elas dão origem ao desejo, que persiste indomável, que não se satisfaz com os

objetos que consumimos. Se tem algo que não se adapta é o inconsciente; resiste à adaptação total. Julia Kristeva (2011) relaciona a psicanálise com a literatura. São práticas que, diante da dor da existência, ainda nos permitem imaginar.

Assuntos desta época

A criança contemporânea incorpora pais ansiosos, com forte sentimento de impotência, sem as referências histórico-familiares que poderiam servir de suporte emocional, enfrentando um mundo em mudança, vivendo com regras rígidas, muitas vezes disfarçadas de uma aparente liberdade de escolha. Adultos sobrecarregados por condições de vida que exigem produtividade cada vez maior de todos os tipos, não apenas econômica. Isso muitas vezes leva à negligência daqueles que necessitam de cuidados. O perigo existe para a criança porque o adulto não está presente para conter as magnitudes do estímulo presente que precisam ser processadas para sua elaboração. Com base em algumas pesquisas principalmente neurológicas, foram observados efeitos negativos no sono, na atenção e na concentração, na irritabilidade e em alguma perda de funções que foram delegadas às máquinas.

O Smartphone e seu uso indiscriminado se tornaram tão predominantes que nos faziam mudar a posição do corpo, as costas curvadas enquanto olhávamos para o anel ou janela em chamas, como Eric Sadin (2024) chama as telas. É algo observável no cotidiano.

Gostaria de saber se algumas condições clínicas, tão comuns hoje em dia, como autismo, transtornos do desenvolvimento, transtorno do déficit de atenção, entre outras, estão relacionadas a esse formato de parentalidade. O psiquismo se constitui dentro de uma matriz de inscrição, processamento e transformação de pulsões por meio da pessoa que ocupa o espaço materno. Quando esse suporte falha em sua função, pois também é superado em suas exigências de produtividade, pode ser decisivo para o fracasso do desenvolvimento da criança. Sem ignorar a biologia, sabemos que a constituição psíquica inclui a conexão com os outros. No nível do que deve ser constituído como representação, a informação sensorial é estimulada por objetos fornecidos pelo corpo materno ou outro corpo que desempenha essa função.

O corpo e a mente estão tão intimamente interligados que é difícil pensar em sofrimento físico sem sua contrapartida psicológica. É a mãe ou quem exerce esse papel que ajuda a metabolizar esse sofrimento, por meio do contato físico e da presença que proporciona à criança um abrigo para que ela não seja dominada por essas sensações que lhe são desconhecidas.

A consulta de hoje

Temos cada vez mais consultas. Isso coincide com um momento em que os psicanalistas são cada vez mais chamados a expressar suas opiniões, nos diversos meios de comunicação, em suas diversas formas. Na Argentina, alguns se tornaram referências. Coincide com um momento histórico em que a religião, principalmente entre alguns setores da população, não é mais uma referência válida, e a necessidade humana de buscar proteção gera sintomas que muitas vezes levam à consulta médica. Às vezes, somos acompanhados por outras pessoas que tentam aliviar a dor da alma: treinadores, consteladores, adivinhos. Mas nós, psicanalistas, insistimos, ansiosos, e quando aqueles que consultam os outros falham na busca genuína pela verdade de cada um, eles nos procuram em busca de ajuda.

Há algo diferente? Eu entendo que sim. Sabemos da subjetividade de momentos anteriores, na medida em que a pesquisa histórica e antropológica foi capaz de investigar. A Segunda Guerra Mundial, talvez a guerra mais documentada, nos mostrou há relativamente pouco tempo a capacidade destrutiva do homem em relação aos seus semelhantes. Infelizmente, hoje não precisamos ir tão longe; vemos isso todos os dias em qualquer uma de nossas telas. Agora algo mais foi adicionado. A apreensão e destruição da natureza como nunca antes, com consequências visíveis para todos. Isso afeta a vida cotidiana e gera diversas ameaças que criam incertezas.

Algumas vinhetas para pensar sobre nossa função

Desenho animado 1

Um jovem se envolve em uma disputa trabalhista, pela qual pode ser processado. Seu trabalho consiste em auditar procedimentos de diferentes empreendimentos comerciais. A empresa a que ele pertence, em princípio, se encarrega de defendê-lo judicialmente, zelando pelos seus próprios interesses, já que também está sendo questionada. Uma empresa de prestígio o enviou para executar sua tarefa, situação que o promoveu a uma posição de excelência. A acusação é de que ele foi cúmplice de fraude. Ele sabe que é acusado, depois de ter sido parabenizado por seu trabalho. Essa situação impacta um ponto de sua história pessoal, associando-a a ter sido usado por sua mãe, a quem admira profundamente, em uma aliança contra seu pai, já que ela o tornou cúmplice de suas infidelidades, ou seja, de suas fraudes contra o marido. O paciente também é acusado de fraude, sentimento que o acompanhou por toda a vida em relação ao próprio pai, a quem amava secretamente, deixando-o em meio a um conflito entre os dois pais.

Para que servimos como analistas? No plano individual, que é a nossa preocupação, para que o sujeito possa defender-se da melhor forma possível do que a realidade lhe impõe, tornando-o consciente da história que o aflige e evitando que o sentimento prévio de culpa o leve a pagar por algo que não é da sua responsabilidade, em todo o caso, consultando bons advogados e estando bem assessorado. O sentimento inconsciente de culpa de origem será trabalhado em sua análise. Uma tarefa complexa, se é que alguma vez houve uma, mas há algo mais que possamos fazer? Trabalhamos com vidas únicas. Os temas do sofrimento estão ligados à época em que cada pessoa vive, mas ressaltamos que o inconsciente está sempre presente. Essa é a nossa tarefa como psicanalistas.

Desenho animado 2

Uma mulher de 25 anos que se tornou mãe pela primeira vez se apresenta angustiada por algo que lhe aconteceu em seu trabalho como professora. Ele solicitou uma atualização sobre seu salário. A Argentina registrou uma inflação de 70% em dois meses quando ocorreu uma mudança de governo, com políticas econômicas que estavam em desacordo com o governo anterior. Quando ela levanta essa questão, eles respondem que ela deveria apoiá-la, que lecionar é uma vocação e a questionam por sequer pensar em pedir um aumento, ressaltando que ela frequentemente se sente culpada, algo que tem a ver com um fracasso promovido pelo governo no poder.

Ao ouvir a história, o analista reflete sobre a maneira como as informações são apresentadas atualmente em muitos meios de comunicação. A imprensa local, numa tentativa totalmente enganosa de comunicar as ações do governo para que a população fique desinformada, tenta negar a realidade. Apenas alguns jornalistas ousam questionar. A tendência é manipular a resposta, gerando confusão.

O agressor acusa a vítima e a faz sentir-se culpada. Frases clichês abundam em nosso país: os pobres são pobres porque não se esforçam, e os famintos se aproveitam daqueles que pagam honestamente seus impostos. Esses slogans são frequentemente repetidos em diferentes setores da sociedade, mesmo por aqueles realmente envolvidos, ou seja, por indivíduos desfavorecidos que repetem essas frases para aqueles que estão na mesma situação.

A situação da jovem remete a algo de sua história pessoal, uma situação de desamparo que vínhamos trabalhando, mas que se agrava neste momento com sua maternidade emergente: o que a época traz? Insegurança no emprego que traz à tona a falta de moradia. Ela não dá apoio porque pede mais, se culpa por isso e associa isso na sessão à perda precoce de sua mãe, por quem ela se sente culpada. Ela se lembra de ter ficado com raiva porque sua mãe ficou doente e morreu pouco depois. Ela era uma criança com intensos sentimentos de culpa quando perdeu a mãe. Agora ela é uma adulta que se sente culpada por pedir

um aumento. Pensar nisso em sua análise permite que você diferencie algo que lhe acontece devido à sua própria história e, a partir daí, enfrente melhor o que lhe é apresentado como uma situação de vida. Para que serve? Nós, analistas, temos conhecimento limitado ao nosso trabalho. Ter em mente os tempos em que vivemos nos permite entender melhor a pessoa que nos consulta. O que acontece com a jovem não está relacionado apenas à sua própria experiência histórica; a realidade se torna hostil e reativa essa experiência primária.

O sujeito humano, nascido indefeso, carrega dentro de si aquele sentimento que levará a vida para processar e regular. Temos um instrumento de valor inegável, que nos permite confiar na vitalidade erótica e tentar amenizar o mortal. Mais do que nunca, precisamos resgatar a psicanálise, ferramenta que permite fortalecer os recursos daqueles que estão fragilizados por um mundo que parece hostil e cheio de mal-estar. Não é o desconforto de reprimir instintos para conviver com os semelhantes, um desconforto estrutural, mas sim um plus que o contexto acrescenta, talvez de forma mais global, e que permeia todas as camadas da população, mesmo as mais privilegiadas, onde o tédio e a desvitalização abundam.

Podemos refletir sobre o contexto global, em vez de nossa tarefa como analistas: como sustentamos o sonho? Como eu disse no começo, fortalecendo nosso instrumento.

Pensar em um analista comprometido com seu tempo é pensar que a neutralidade não é possível. O analista deve ser abstinente, mas não neutro, caso contrário estará negando seu envolvimento. É melhor estar ciente disso e estar ciente de como pensamos sobre nossos tempos.

Não desistir, em tempos em que, como diria Freud, a Virgem de Lourdes teria mais seguidores do que nós. Virgem disfarçada de outras crenças, como tratamentos breves para aliviar o sofrimento e medicalização para acalmar a angústia. Situações que, por não trabalharem para fortalecer o potencial do indivíduo, causam desconforto crescente à medida que a vida avança.

Referências bibliográficas

- AULAGNIER, P. (1984) Condenados a investir, Em Revista de Psicoanálisis, APA, Buenos Aires Nro. 41 (pp.283-306)
- AULAGNIER, P. (2016) Los destinos del placer, Ed. Paidós
- BERARDI, F. (2020) Fenomenología del fin, Ed. Caja Negra
- FERRARI, L. (2024) Entrevista na Revista En el margen 2 Julho 2024
<https://enelmargen.com/2024/07/02/dos-preguntas-a-lidia-ferrari/>
- FREUD, S. (1895) Proyecto de Psicología Amorrortu, Obras Completas, Tomo I
- FREUD, S. (1915) Pulsiones y destinos de pulsión Amorrortu, Obras Completas, Tomo XIV
- FREUD, S. (1930) El malestar en la cultura Amorrortu, Obras Completas, Tomo XXI
- KRISTEVA, J. (2011) Entrevistada por Mauro Libertella. Em Revista Ñ, Edição impressa # 424, del 20 de Novembro de 2011
- NOTA EDITORIAL (2024) El problema económico del más allá. Em Revista Psicoanálisis de APDEBA Vol. XLVI Nro. 1
- SADIN, E. (2022) La era del individuo tirano, Ed. Caja Negra
- SADIN, E. (2024) La vida espectral, Ed. Caja Negra
- Aulagnier, P. (1984) Condenado a investir – Bs As, Psychoanalysis Journal .41 pp.283-306
- Aulagnier, P. (2016) Os destinos do prazer Bs As Ed. Paidos
- Berardi, F. (2020) Fenomenologia do fim de Buenos Aires, Caja Negra Ed.
- Ferrari, L. Revista On the Margin 2 de julho de 2024
- Freud, S. Projeto Psicologia (1895) Amorrortu Complete Works Volume I
- Freud, S. Impulsos e Destinos Impulsivos (1915) Amorrortu Complete Works Volume XIV
- Freud, S. Os descontentes da cultura (1930) Amorrortu Complete Works Volume XXI
- Kristeva, J. Entrevista com a revista Ñ, 20 de novembro de 2011
- Revista Apdeba (2024) Editorial , O problema econômico da vida após a morte volume XLVIN1
- Sadin, E. A Era do Indivíduo Tirano (2022) Buenos Aires, Ed. Caja Negra
- Sadin, E. Vida Espectral (2024) Buenos Aires, Ed. Caja Negra